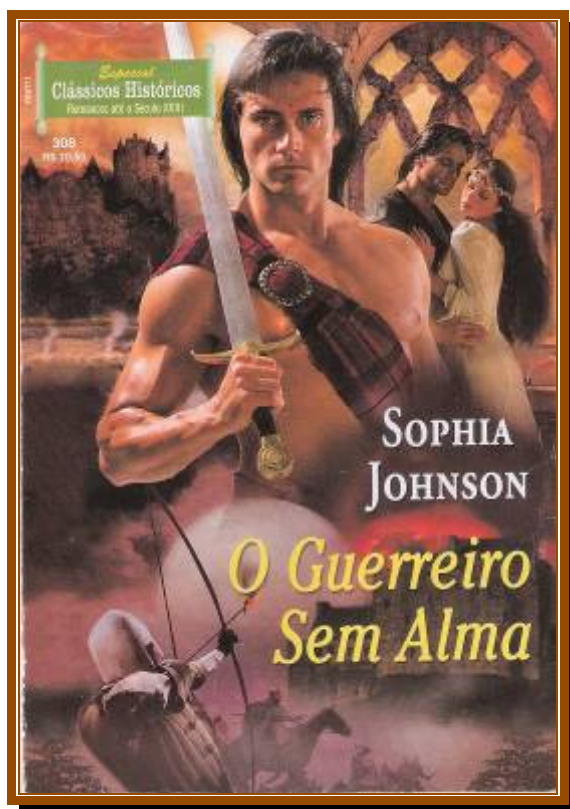


O GUERREIRO SEM ALMA

(Midnight's Bride)

Sophia Johnson



Escócia, 1073

Coração de guerreiro...

Alma de amante!

Mereck de Blackthorn jurou que jamais se apaixonaria, pois fora amaldiçoado com o poderoso sangue dos Sem Alma. Contudo, ele precisava se casar, e ao conhecer Lynette de Caer Cadwell, viu-se disposto a afastá-la do jugo do pai violento, ainda que se recusasse a lhe entregar o coração...

Com um pai cruel e determinado a livrar-se dela, a corajosa Lynette não conseguiu evitar o casamento com o temível Mereck. Logo, porém, descobriu que Mereck não era o bárbaro selvagem que ela imaginava, e que os beijos daquele homem a incendiavam por dentro, despertando uma paixão intensa e avassaladora, que ela ansiava por libertar...

Digitalização e Revisão: Fernanda

Querida leitora,

Abrir um livro de Sophia Johnson é como abrir um portal para uma viagem no tempo, para outra época e outro lugar, um mundo de sonho e fantasia onde a nossa imaginação corre solta! Embarque nesta aventura fascinante, em que um valoroso guerreiro se casa com uma jovem para protegê-la da violência do pai, mas se recusa a entregar o coração, e veja do que é capaz uma mulher apaixonada para resgatar em um homem ferido pelo passado a capacidade de amar outra vez...

Leonice Pomponio Editora

Sophia Johnson transfere para as histórias que escreve a sua personalidade vivaz e alegria de viver. Essa sensibilidade de emoções, aliadas à imaginação e ao talento, e mais o hábito de pesquisar constantemente o estilo de vida e costumes de épocas passadas, resulta em romances que fascinam os leitores!

Copyright © 2007 by June Ulrich

Originalmente publicado em 2007 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP. NY, NY - USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da Editora Nova Cultural Ltda.

TÍTULO ORIGINAL: Midnight's Bride

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves

Paula Rotta

Silvia Moreira

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Cristina Tognelli

Revisão: Giacomo Leone

ARTE Mônica Maldonado

ILUSTRAÇÃO

Hankins + Tegenborg, Ltd.

MARKETING/COMERCIAL

Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA

Sônia Sassi

© 2008 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 - 10º andar - CEP 05424-010 - São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: RR Donnelley Moore

Prólogo

Castelo Blackthorn, Escócia, 1050

O jovem Mereck de Blackthorn espiava a mulher corcunda, que se arrastava com os pés retorcidos e as pernas tortas. Ela exigira entrada nos portões do castelo com voz surpreendentemente forte, que tinha se sobreposto ao falatório da multidão e aos ruídos das carroças e dos cascos dos cavalos.

— Meu nome é Beyahita e vim para contar a história dos Baresark mais conhecidos como Sem Alma.

A voz da mulher causava arrepios, mas Mereck aproximou-se mesmo assim. Beyahita, mais astuta do que a aparência levava a crer, havia feito um acordo com lady Neilson, que com frequência buscava avivar as longas noites de inverno com contadores de histórias. Em troca de comida e abrigo, ela tinha prometido uma nova narrativa a cada noite. Contaria as lendas do País de Gales sobre os Sem Alma, homens que se transformavam parcialmente em animais quando enraivecidos.

Naquela noite sem lua, após todos terem jantado e as crianças terem sido levadas para a cama, Mereck saiu nas pontas dos pés do quarto que dividia com o meio-irmão e os primos. Os dentes tremiam, por isso apertou o manto que trazia nos ombros. Conforme ele avançava rente às paredes escuras do grande salão, Beyahita dava início à primeira narrativa.

— Um menino robusto de nome Gruffyd nasceu à meia-noite do último dia de junho no ano de 943. O bebê deu o seu primeiro grito quando a mãe suspirou pela última vez. Logo se descobriu que Gruffyd era um ser único, pois podia escutar os pensamentos dos outros.

Ela fez uma pausa e procurou Mereck com o olhar no canto mais escuro do salão. Gesticulou com a mão em forma de garra e a voz se elevou.

— Quando possuído pelo temperamento de Lúcifer, ele se tornava tão enraivecido que não tinha consciência do que fazia. Espumava e uivava como um animal. Aqueles que testemunharam seus ataques de fúria chamavam-no de Gruffyd, o Sem Alma, em homenagem aos horrendos guerreiros de Odin. Gruffyd cresceu, tornando-se mais forte do que a maioria dos homens, e se casou com uma mulher frágil de nome Elgin. Ela também deu à luz numa noite escura. Logo depois, ficou demente e balbuciava que o marido havia roubado seus pensamentos. Certo dia, após Gruffyd ter entregado a ela o filho Aeneas, Elgin subiu, atordoada, até o alto do castelo com o bebê nos braços, ameaçando se jogar. O marido apaixonado pegou sua mão, desesperado, tentando evitar um desastre, mas ela, com a força que só os loucos têm, se desvencilhou. Gruffyd conseguiu arrancar o menino dos braços da mãe, mas não pôde evitar que ela se atirasse contra as rochas.

Mereck estremeceu e se aproximou ainda mais da parede. Todos os presentes se inclinaram para frente quando a voz da velha senhora ficou mais baixa.

— Logo se espalhou o boato de que, por ter roubado os pensamentos de Elgin, Gruffyd roubara sua razão, enlouquecendo-a. Os homens que ousaram contar essa história desapareceram. — Ela olhou ao redor, a voz mais alta a cada palavra. — Quando esses homens foram encontrados, descobriu-se que haviam sido brutalmente assassinados, as línguas e partes do corpo arrancadas como se tivessem sido atacados por um bicho.

Ninguém notou Mereck, o filho bastardo de Donald Morgan e Aeneid ap Tewdwr, uma galesa capturada, escondido nas sombras. Tampouco viram o olhar da mulher fixo no menino. Somente ele percebeu.

Noite após noite, ela narrou a história de mais uma geração amaldiçoada. Depois de Gruffyd, foi a vez de Aeneas e Fallon, de Gilbride e Lienid. Todas as mulheres deram à luz em noites sem luar. Todas ficaram insanas e morreram depois do nascimento dos filhos. Mereck, aterrorizado, absorvia a lenda.

Uma noite Beyahita começou a última história.

— Sussurra o vento que mais um herdeiro direto de Gruffyd, um século após seu nascimento, veio ao mundo na meia-noite escura do último dia de junho do ano de 1043. Esse menino foi condenado a matar a própria mãe no parto e está destinado a destruir qualquer mulher que venha a amar. — Ela riu como uma demente e apontou o dedo esquelético na direção de Mereck.

Aquela era a data de nascimento dele e Beyahita acabara de falar de sua mãe. O garoto escondeu o rosto na tapeçaria suspensa. Não queria ser um Sem Alma. Só queria ser um menino amado pelos pais, como o meio-irmão Damron.

Jamais entregaria seu coração a uma mulher. Nunca amaria. Pois descobrira como a mãe havia morrido. Ele a tinha matado.

Capítulo I

Castelo Wycliffe, Inglaterra, 1073

Lynette observava com olhos arregalados o homem que estava diante da lareira. Era mais baixo do que ela, as calças sujas pendiam sobre os ossos finos, a túnica, manchada com os alimentos que consumira nos últimos dias, estava suspensa em um ombro estreito. O barão Thomas Durham tinha, talvez, uma dúzia de fios de cabelo, ainda menos dentes e a audição prejudicada.

— Virgem Santa! Ele é mais velho que o senhor, papai! — Lynette exclamou. — Pensei que vomitaria o jejum quando ele tocou minha mão. Não suporto pensar em me casar com ele. Não! Jamais!

— Vai, sim — disse o barão Wycliffe cheio de ódio. — Fingir estar grávida não mudará isso — acrescentou, enfiando um dedo no travesseiro escondido sob as roupas da filha. Ele é seu décimo pretendente em meses e suas irmãs já se cansaram de esperar que você encontre o marido perfeito. Esse homem não existe. — Ele esmurrou a mesa, cuspidando ao esbravejar. — Garota detestável, já tem dezoito anos e logo estará velha demais até mesmo para um homem como o barão.

— Ele é magro demais. — Revirou os olhos com desagrado. — Toda vez que me vê, a baba escorre por entre os poucos dentes podres que tem. Ele tentou agarrar meus seios.

O homem cambaleante a observava com cobiça.

— Ficarei em meu quarto até que ele vá embora. Não me casarei com ele, nem hoje, nem nunca!

— Recuse e sentirá o peso de minha bengala em suas costas — o pai ameaçou. — Não comerá nada além de pão e água até voltar à razão. — Ele a levantou da cadeira com tanta força que a derrubou no chão.

O pretendente observava a cena sorrindo.

— Mostre a ela, milorde, que falamos a sério. Casaremos assim que ela parir — disse, deixando de sorrir quando o pai levou a filha pelos cabelos para fora do salão.

Não pela primeira vez, o barão Wycliffe jogou a filha para dentro do quarto, trancando-a. Sempre que desprezava um pretendente, ele batia nela e tentava obrigá-la. O pai não avaliava sua forte determinação.

O sol já começava a se pôr quando a porta foi aberta pelas meias-irmãs. Ao ver as criadas trazerem uma tina para o banho, Lynette logo se pôs em guarda, pois o pai nunca permitia que ela se banhasse após terem discutido.

— Pensamos em trazer algum conforto enquanto reflete sobre a proposta do barão — Priscilla disse num tom de voz afetado demais. — Aqui está seu sabão preferido — continuou, depositando-o num banquinho próximo à tina.

— E eu trouxe queijo, pão e vinho, Netta. Papai está tentando forçá-la e nós desejamos ajudá-la. — Elizabeth deu um tapinha nas costas dela, mas não conseguiu esconder a malícia no olhar.

— Duas taças? Quem estará aqui comigo? — Netta avaliou as expressões das duas. Por que fariam alguma coisa agradável? Elas sempre lamentavam e pediam ao pai que a casasse logo, desconsiderando seus sentimentos. Apesar de desconfiada, tratou de aproveitar a oferta depois que a deixaram a sós com a criada.

Despiu-se e entrou no banho, desejando que a água quente a relaxasse. Se conseguisse superar a raiva, certamente pensaria em uma maneira de se livrar do barão.

— Talvez eu possa fingir estar doente? Nenhum homem em sã consciência se casaria com uma mulher que não pára do vomitar. — Levantou uma sobancelha à espera de uma resposta.

— Não, senhora. — A criada meneou a cabeça. — Como poderia fazer isso se só está consumindo pão e água?

— É verdade. — Netta ensabouu-se. — Se colocássemos gotas de barro no meu rosto e, depois de secas, as pintássemos com suco de frutas vermelhas, pareceria que tenho catapora, não? Por certo, papai ficaria temeroso de adoecer e depois de uns dois dias sua ira se abrandaria, fazendo-o mudar de idéia.

— Acho que é mais provável que cubra a sua cabeça com véus e apresse o casamento, mandando-os para fora do castelo em seguida. — Mary segurou-a pela mão para ajudá-la a se levantar. Enquanto a enxaguava, a porta foi aberta.

Netta se virou e ofegou, pois o barão Durham havia sido empurrado para dentro.

— Minha linda — ele sussurrou. — A água escorre por suas belas tetas. Vou enxugá-las para a senhorita. — Ele estalou os lábios finos ao atravessar o quarto.

— Saia ou farei papai arremessá-lo para fora do castelo — Netta gritou, cobrindo os seios com as mãos, voltou a se sentar na tina para tentar esconder o corpo do olhar lascivo.

Ainda babando, o velho homem parou a um passo da tina. Levou a mão ao peito e começou a tossir violentamente com os olhos salientes.

— Saia! — Netta insistiu.

— Revele o que é meu — o barão disse, seguido de uma obscenidade que ela jamais ouvira. Esse último esforço acabou com suas energias, pois ele começou a cair de lado. Ainda tentou se equilibrar ao arfar em busca de ar, mas logo se estatelou no chão.

Os gritos de Netta e de Mary ecoaram e o barão e as filhas entraram, rápido demais para estarem muito longe da porta. Conforme Netta se cobria, as irmãs viram o corpo caído e começaram a gritar descontroladamente. O pai esbofeteou-as e elas, indignadas, saíram do quarto, acusando-a de ter matado o pretendente.

Um criado robusto entrou para levar o corpo e mal havia deixado o cômodo quando pai e filha recomeçaram a discutir. Como das outras vezes, ela terminava fazendo o mesmo pedido:

— Por que não posso ir para Gales? — Levantou o queixo e colocou as mãos nos quadris. — Caer Cadwell é minha. Se der meu dote, contratarei cavaleiros para minha proteção.

— E quem a protegerá dos fantasmas dos Baresark, conhecidos como os Sem Alma de Caer Cadwell? Dos gritos agonizantes das esposas enlouquecidas? — Ele esfregava as mãos, divertido.

O medo estremeceu o corpo de Netta. Nas noites de tempestade, ainda ouvia os sussurros da madrastra:

Acha que é o vento que ruge nas noites escuras? Não, sua tola O novo Sem Alma viva ansioso por outra esposa. Ele é brutal na cama e a mulher não dura mais do que uma noite, talvez duas. Ele as joga para fora dos portões, dilaceradas, sem um pingão de vida. Consegue ouvi-lo? Ele espera escondido, por você. Uma noite dessas, ele a pegará nos braços e a levará embora.

E então, era trancada no depósito escuro.

— Isso não passa de uma lenda, não há nenhum Sem Alma. — Netta engoliu em seco e levantou o queixo, determinada a acreditar no mantra que sempre repetia para repelir os fantasmas.

— Você se casará — o pai gritou ao mesmo tempo em que levantava a bengala. Netta, prevendo o que viria em seguida, abaixou-se e engatinhou até a cama. A bengala espatifou-se

contra a tina e quebrou-se ao meio. — Viu o que fez? Estúpida! Acredita que cavaleiros conseguirão protegê-la? Não tem força para comandar galeses selvagens. Estou farto de você. Seduziu o barão de propósito e matou-o, mostrando-se dessa forma.

— Mostrando-me? Eu me banhava. — Ela apontou para a tina. — Vocês o empurraram para dentro. Não me casarei com um velho babão, um jovem imundo ou qualquer outro homem horroroso que arranjar.

— O próximo que passar pelos portões do castelo será seu marido. Não me importo se for um cavaleiro ou um guardador de porcos com verrugas nos lábios e pêlos saindo pelas orelhas. E isso, maldita garota, será o fim desta história!

Ele saiu com passos tão duros que o assoalho de madeira estremeceu. Irado, esquecerase de trancar a porta.

— O dia mal tinha amanhecido quando Netta aguçou os ouvidos e viu pela fresta da porta, Mary se aproximar. Abriu-a e puxou a criada com força para dentro.

— Vim o quanto antes, milady.

— Seja rápida! — Netta estalou os dedos e retirou a própria túnica, deixando os cachos negros caírem pelas costas. Então, viu que Mary ainda hesitava. — Preciso de suas roupas. — Vendo a surpresa no rosto da jovem, arrancou-lhe a túnica e vestiu-a em seguida. — Ouvi o guarda abaixar o portão. Deve ser alguém com muitos guerreiros a julgar pelo estrondo dos cavalos ao passar pela ponte levadiça. — Ajustou a roupa no corpo ao colocar a cabeça para fora do quarto.

— O que planeja? — Os dentes de Mary tiritavam de frio e ela gemeu ao ver seus sapatos serem retirados.

— Passar por você, é claro. Por isso preciso de suas roupas.

— Milady está buscando mais problemas.

— Desta vez não serei pega.

— Disse isso ontem de manhã, antes de colocar o travesseiro embaixo do vestido ao se encontrar com o velho barão.

— Funcionou, não é?

— Bem demais. Ele fez tanto estardalhaço que seu pai veio correndo ver o que se passava.

— Tomarei mais cuidado. Tenho mais prática agora. Preciso ver como é esse novo pretendente.

— E o que isso pode mudar? — Mary levantou as mãos, com um ar de simpatia. — Até mesmo o guardador a de gansos ouviu quando seu pai prometeu, após a senhorita ter matado o barão, que a daria em casamento ao primeiro que entrasse pelos portões.

— Eu não o matei. — Ela se empertigou. — Papai fez isso ao tentar mostrar ao homem que eu não estava grávida. Estava lá, sabe disso. Ele era tão velho que poderia morrer a qualquer minuto.

— Ele baterá de novo na senhorita.

— Pois que o faça. Preciso me arriscar, não posso entrar nessa história com os olhos vendados. — Netta apertou os dedos de Mary. — Não se preocupe comigo, só pretendo espiar o salão para ver o rosto desse homem.

Querida Santa Agnes, eu imploro. Permita que ele não seja tão horrendo quanto o falecido.

Mereck de Blackthorn logo voltaria para as Terras Altas, pois havia concluído suas tarefas na Inglaterra, restando a pernas uma. Durante a última semana, ouvira diversos rumores sobre a maneira como a filha de Wycliffe havia frustrado seus diversos pretendentes. Na noite anterior, um ferreiro tinha se juntado a eles no acampamento e relatado os acontecimentos do dia.

— A moça o matou, pois ele acreditava que ela estava grávida — disse o ferreiro.

— E isso o matou? — Mereck levantou a sobrancelha em descrença.

— Não, foi depois que ele a viu no banho.

— Acredita que a visão o tenha matado? — Mereck sondou.

— Nunca soube de ninguém que tenha morrido porque viu uma mulher nua. Ela deve tê-lo envenenado. Mas, e os outros? Alguns correram tão rápido que tropeçaram nos próprios pés. Dizem que ela será dada ao primeiro que cruzar o portão ao nascer do sol, mas acho que nem o criador de porcos quer se arriscar.

Mereck riu ao entrar no pátio do castelo com seus homens. Os primeiros raios de sol mal despontavam no horizonte. Após apontarem para seu estandarte, os homens na amurada o tinham observado assombrados. Ele olhou sobre os ombros. Dois estandartes tremulavam na brisa: um era o dos Morgan, o outro tinha letras pretas no tecido escarlate.

Lançou uma carranca para o homem que os carregava, que logo abaixou o segundo símbolo.

Havia pessoas demais para àquela hora do dia: o encarregado pelo estábulo, o falcoeiro com um esmerilhão no pulso, o fabricante de velas carregando mercadoria nova pelo pavier, a cozinheira com uma panela de ferro vazia e algumas lavadeiras carregadas de roupa suja correndo para o estábulo. Para o estábulo? Mas por que não estavam todos cuidando de seus afazeres?

Irritado com a barba, Mereck cocou o queixo e usou o dom herdado da mãe galesa. Liberou a mente buscando os pensamentos dessas pessoas. Palavras vinham de todas as direções, fazendo-o sentir dor: *selvagem, pobre moça, matá-la, que vergonha, velho bastardo.*

O barão George Wycliffe desceu as escadas com dificuldade enquanto Mereck desmontava. Entregou as rédeas ao escudeiro e virou-se para o primeiro-comandante.

— Ajeite os homens e não dê as costas — murmurou ao notar a multidão que os cercava.

— Saudações. — O sorriso de Wycliffe era de bajulação ao se aproximar. — Vejo que seus homens carregam o estandarte de lorde Morgan. Ouvi muitas coisas boas a respeito dele.

— Obrigado, barão. — Mereck acenou cortesmente. — Sou Mereck de Blackthorn, amigo de Bleddyn ap Tewdwr, senhor supremo de Caer Cadwell. Venho sob o comando dele.

Estranhou o acolhimento caloroso. A menos de duas léguas havia enfrentado um bando de guerreiros que tentara lhes roubar a montaria e ainda não tivera a oportunidade de trocar seus trajes de guerra galeses cheios de sangue. Seria possível que o ferreiro da noite anterior tivesse razão ao afirmar que o pai ofereceria a filha ao primeiro que cruzasse os portões? Mesmo assim, não teria recusado alguém como ele? Tinha um lado do rosto pintado de azul, vestia uma túnica de pele de boi ensangüentada que chegava até os joelhos, o ombro estava coberto por pele de lobo e tinha tiras de couro amarradas dos punhos aos cotovelos. Só o tamanho de sua espada já era uma ameaça.

Se estivessem em Blackthorn e guerreiros como eles surgissem de repente, encontrariam os portões trancados e uma fileira de arqueiros preparados até explicarem o motivo da visita.

— Lorde Bleddyn não virá para sua visita anual? — o barão perguntou ao conduzir Mereck pela escadaria.

— Ele está no Castelo Blackthorn, na Escócia. Vim para a Inglaterra para resolver outra questão e lorde Bleddyn pediu que viesse verificar como está a herdeira de Caer Cadwell.

O barão esfregou as mãos de contentamento ao levar o recém chegado até a mesa do salão principal. Mereck examinou o cômodo antes de se sentar diante do homem. Muitos servos limpavam superfícies já limpas e pareciam levar um objeto de um lugar a outro sem propósito enquanto o analisavam.

— Uma viagem tão longa deve entristecer a sua esposa — o barão comentou.

— Esposa? Não sou casado, senhor.

— Passa muito tempo em Gales? — o barão perguntou. Em resposta, Mereck levantou a sobrelanceira.

— Por certo é galês, não? — O barão continuou. — Nenhum outro homem que não seja galês se sentiria à vontade em trajes tão bárbaros.

Mereck semicerrou os olhos, o que sobressaltou o barão.

— Eu comando os guerreiros dos Morgan no Castelo Blackthorn e passo a maior parte do tempo nas Terras Altas. Entretanto, minha mãe era galesa e, por isso, conservo muitas tradições.

— Certo. E o que acha de Caer Cadwell? Seria capaz de se casar para reivindicá-la como sua propriedade?

— Sou o irmão bastardo de Damron Blackthorn e inadequado para ser senhor de tal propriedade. — Mereck não permitiu que os pensamentos transparecessem em sua expressão. Não importava o quão irado ficasse, um pai jamais seria capaz de entregar a riqueza de uma filha a um bastardo.

— O fato de ser bastardo não me afeta. — Os lábios do barão se curvaram num sorriso dissimulado. — Seus feitos como guerreiro e líder do exército de lorde Damron o tornaram famoso em toda a Inglaterra. — Ele praticamente se retorcia de contentamento. — Espieie o seu estandarte. Somente o guerreiro mais valente receberia a alcunha de Sem Alma de seus inimigos.

Os punhos de Mereck se fecharam sob a mesa quando se lembrou da primeira vez em que o tinham chamado assim. Contudo, segurou a língua, pois não queria nada além do que terras, ainda mais aquela propriedade. Por que o barão estava tão afoito para se livrar da filha? Devia haver mais por trás de tudo isso do que as histórias que se ouviam.

Sentiu-se observado, como se dedos suaves o acariciassem nos cabelos. Mudou de posição, sentindo o calor. Olhando ao redor, procurou a figura. Não conseguia vê-la, pois estava escondida nas sombras. Contudo, sentiu quando ela se retirou.

Netta cobriu a boca com a mão tentando se acalmar. O estranho estava sentado de costas, conversando com o pai com voz de barítono, o som melódico contrastando com sua figura imponente. Não conseguia ver o rosto, mas pelo pouco que via, sabia o que ele era. Um selvagem. Um gigante selvagem.

Longos cabelos ondulados castanhos caíam pelos ombros. Notou tinta azul na têmpora. Vestia peles de maneira tão casual quanto o pai usava o manto. Dedos delgados cocavam o queixo e hesitavam, como se incomodados com a barba. Ao se mexer na cadeira, a túnica manchada de sangue revelou uma coxa musculosa, grossa como um tronco.

O bárbaro devia ter percebido que estava sendo observado, pois virou a cabeça em sua direção. Receosa de que ele a visse, retraiu-se, mas decidiu que precisava ver o rosto dele.

Se fosse cautelosa, poderia chegar à outra porta, de onde teria uma clara visão da mesa. Colocou um grande vaso de flores diante do rosto, para poder espiar sem ser vista. Quando chegou ao outro lado, o nariz começou a coçar. Alguém havia colocado penas no fundo do arranjo, com certeza uma das irmãs que sabia de sua alergia.

Tentou prender a respiração, mas foi tarde demais. Um espirro explosivo, mais adequado a um homem do tamanho do gigante na sala, saiu de seus lábios. As flores se abriram. Olhos verdes fixaram-se nos seus. Ela respirou fundo três vezes e, em seguida, voltou a espirrar. O arranjo de flores caiu no chão,

O barão levantou-se de repente da cadeira, derrubando-a.

— Netta, espere. — O grito fez os criados se esconderem. — Uma ladra, peguem-na!

Netta correu em direção ao pátio, veloz por conta do medo. Passos pesados a seguiam e ela gritou. Desesperada para encontrar um esconderijo, seguiu em frente. Onde teriam ido todos? O perseguidor aproximava-se a cada passada, e Netta quase podia sentir o hálito na nuca. O estábulo! Correu para lá e entrou na escuridão. A mão grande e calejada agarrou-a pelo ombro, fazendo-a parar.

— Por que foge, moça? O que roubou? — As palavras tinham um tom de ameaça.

Ela reconheceu a voz, pois pertencia ao homem do salão principal. Com desgosto sentiu também o cheiro: sangue, suor, cota de malha e cavalo.

— Não peguei nada, solte-me — disse ofegante.

— Só depois de recuperar as moedas do barão.

Netta procurou se defender ao sentir as mãos vasculhando seu corpo. Arranhou, bateu, beliscou, fez todo o possível para que o homem odioso a libertasse. Arfou, pois nesse instante

ele inseriu a mão por dentro da túnica e apalpou seus seios. As palmas ásperas roçaram os mamilos, provocando uma onda de choque pelo corpo.

— Pare, imbecil! — Irada, Netta pegou na mão com força, mas assim a fez se aproximar ainda mais da pele.

O bárbaro não parou. Em vez disso, fechou os dedos sobre a carne trêmula e apertou-a gentilmente. Sons saíram do fundo de seu peito, lembrando o ronronar de um felino. Horrorizada, deu uma cotovelada no estômago dele com toda a força que possuía, mas quem gemeu foi ela, pois ele parecia feito de pedra.

— Fere apenas a si mesma quando tenta lutar comigo. Venha. O barão nos dirá o que tomou.

A voz profunda e a respiração quente em sua nuca fizeram seus joelhos fraquejarem. Seria possível que estivesse se transformando numa covarde? O pai ainda estava furioso, não poderia permitir que o bárbaro a levasse até ele. Havia dito a Mary que não se importava de apanhar novamente. Era mentira. Importava-se, e muito.

O homem a virou de frente, segurando-a pelos ombros, e Netta, vacilando, deixou transparecer o medo que sentia.

— Senhor, por favor. Não me entregue ao barão. Ele é cruel, gosta de bater nas criadas e, quanto mais gritamos, mais prazer ele sente. — Mentalmente pediu perdão pela mentira à sua santa favorita, Santa Agnes.

Levantou o olhar e estremeceu. O homem não só era um gigante, como também era peludo. Além do cabelo desgrenhado, tinha bastante barba. Inclinou a cabeça para observá-lo melhor e encontrou os olhos verdes, cuja beleza não residia somente na cor, mas na expressão. Seria compaixão? Confusa, manteve-se em silêncio.

— O que quer que eu faça, moça? — Ele franziu o cenho. — Ouviu seu amo pedir que a seguisse. Não posso escondê-la atrás de mim.

Grande como era, poderia esconder até mesmo um homem atrás de si. Seria um sorriso sob os bigodes?

— Não poderia dizer que me perdeu entre as pessoas no pátio? — Ela esperava que o grosseirão acatasse seu pedido.

— Ele a chamou pelo nome. Vai encontrá-la com facilidade.

Céus! Seria melhor fugir antes que o pai se impacientasse e seguisse o gigante.

— Solte-me e eu irei até minha mãe, que trabalha na cozinha do Castelo Ridley, logo depois da próxima colina. — Mais uma prece a Santa Agnes. — Ela me ajudará quando eu chegar lá.

— E se tiver a entrada negada? — O homem parecia preocupado. Seria ele um bárbaro com consciência?

— A filha daquele senhor precisa de uma criada. Não me rejeitará.

Dessa vez, não precisava pedir perdão pela mentira. Elise ficaria feliz em acolhê-la, mas como chegaria lá? Antes de verbalizar sua preocupação, o homem resolveu:

— Meu escudeiro a levará e ficará com você até ter certeza de que poderá entrar.

Segurando sua mão, puxou-a até a última baía onde encontraram um garoto cuidando de um garanhão. Ao vê-los, ele parou e aguardou.

— Vá até Marcus e diga que o Sem Alma precisa de uma montaria calma.

Sem Alma? O homem das lendas contadas por sua madrasta? Netta tremeu de medo, pois diversas vezes o pai a ameaçara dizendo que, se não fosse obedecido, esse guerreiro destemido viria e a levaria à sua masmorra. Como o pai o havia intimado, seria um bruxo? Tentando se soltar do homem, por pouco não arrancava o braço.

O rapaz assentiu e saiu. Por que ele não demonstrava medo? Tinha até mesmo dado um sorriso quando seu mestre se denominara Sem Alma. Seria demente?

Sentindo-se quente e desconfortável, levantou o olhar e deparou-se com o bárbaro observando-a como se estivesse explorando seu corpo. Sentiu uma náusea crescente. Precisava se libertar antes que ele descobrisse que ela era a noiva prometida. Ouviu, acima das batidas descontroladas do coração, os cascos de um cavalo sendo trazido por um homem forte, seguido pelo escudeiro.

— Pediu uma montaria tranqüila, *Sem Alma*? — ele perguntou, enfatizando o nome. — Nenhuma de nossas montarias é calma, mas essa é a que mais se aproxima. — Parecia haver divertimento em sua voz.

— O escudeiro começou a preparar o cavalo, enquanto os dois homens conversavam em uma língua desconhecida. Seria galês? Desatenta, nem percebeu quando o gigante perguntou se estava pronta para montar. Antes que percebesse, já estava sentada atrás do escudeiro.

— Netta? Não foi esse o nome pelo qual o barão a chamou? Logo irei ver como se sai no Castelo Ridley. — Ele a examinava com olhos atentos.

Se pudesse evitar, jamais o veria de novo, Netta pensou. Do alto da montaria, percebeu a mudança na expressão do homem, como se ele soubesse o que passava por sua cabeça.

— Seu interesse será bem-vindo, senhor. — Mais uma mentira. Vendo os lábios dele se contraírem, ela levou a mão à boca. Será que ele lera seus pensamentos?

Calado, o gigante seguiu para o pátio. Netta segurou-se à cintura do escudeiro atenta aos sons de perseguição. Não afrouxou o aperto até estarem longe do castelo do pai.

Ninguém a perseguiria, pois Mereck mandara avisar o barão que tinha tudo sob controle. Netta o surpreendera pela coragem incomum a uma mulher. Contudo, nem por um instante o havia enganado. Sabia que se tratava de Lynette de Wycliffe desde que a vira.

Quando havia perseguido a suposta ladra, já sabia quem ela era e deixara que levasse um pouco de vantagem até entrar no estábulo. Decidira resgatá-la ao saber que o pai a castigaria. Nenhuma mulher deveria sofrer nas mãos de um homem, especialmente uma filha nas mãos do pai.

Será que o barão havia atemorizado Netta com a lenda do Sem Alma e dos antigos donos de Caer Cadwell para mantê-la distante de Gales? Precisaria ficar atento para que ela não soubesse que o Sem Alma e Mereck de Blackthorn eram o mesmo homem, ou teria de forçá-la a se casar com ele, o que o desagradava profundamente.

Bleddyn havia dito que Elise de Ridley e Netta eram amigas. A filha de Ridley era o segundo motivo pelo qual viera à Inglaterra. Parado com as pernas afastadas e mãos na cintura, sorriu contente, pois Netta logo estaria sob sua guarda.

— Mais tarde, naquele mesmo dia, Mereck sentava-se diante do barão com o contrato nupcial na mesa e ouvia o homem discorrer sobre o dote de Lynette. Parecia que a papelada estava pronta havia muito tempo.

— Vejo que Caer Cadwell e as terras são passadas pela linha matriarcal, barão. — O olhar de Mereck estava fixo nos pálidos olhos azuis do homem diante de si. — Como pode garantir a propriedade à sua filha se, por acaso, escolher mal o marido?

O barão limpou as mãos como se estivesse se livrando de um fardo.

— O homem que desposar minha filha terá de ser capaz de proteger a propriedade, seja pelo uso de riqueza seja pelo uso de bravura. A reputação de seus guerreiros prova que o senhor é capaz.

Mereck observava o barão e tentava descobrir por que o homem queria tanto se livrar da filha. Afinal, ela devia merecer alguém melhor do que um bastardo. Retraiu-se ao pensar na palavra.

— A tola mãe de Lynette insistiu para que ela e o futuro marido vivessem maritalmente um ano antes de se mudarem para Caer Cadwell.

Mereck assentiu. Parecia que pelo menos a mãe se preocupara com o seu bem-estar.

— Sabendo que não ofereço nada para aumentar sua riqueza, por que se dispõe a me entregar sua filha?

— Lynette precisa de uma mão forte para controlá-la. — O barão o observou. — Ela já teve muitos pretendentes. — A raiva fez com que o tom de voz aumentasse. — Conseguiu fazer com que eles saíssem correndo sem nem mesmo fazer a proposta. Depois que o quinto homem fingiu ter sido convocado pelo pai, passei a observá-la mais atentamente. — Ele bateu com força a taça de estanho na mesa, derramando o vinho. — Ela é esperta. Um dia desceu até este salão mal vestida, suja de barro e espumando pela boca para encontrar um dos pretendentes sozinha. Eu a flagrei.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

